



Escola Bíblica Dominical

LIÇÃO 11

ÁGUA EM VINHOⁱ

Texto-base: Jo 2.1-12

Casamentos não eram simplesmente eventos pessoais importantes no mundo antigo; eles também carregavam um importante simbolismo. As marcas de amor, alegria e celebração associadas com casamento ou vinho eram uma figura do amor, da alegria e da celebração dos tempos messiânicos (Is 54.4-8 e 62.4,5; Jr 31.12,13; Os 2.14-23 e 14.7; Am 9.13,14). Tal simbolismo também aparece no ensino de Jesus (Mt 22.1-4 e 25.1-13), como o simbolismo um tanto paralelo do banquete (Lc 14.15-24 e 22.16-18; Mt 8.11). Assim, quando João, em 2.11, chama esse milagre de sinal, isso leva o leitor a ver Jesus nesses termos. O vinho melhor vem mais tarde, depois do primeiro vinho; o vinho bom vem agora. Tudo isso sugere que Jesus retrata a chegada de uma nova era, na qual a plena celebração pode começar. O simbolismo é muito parecido com Lc 5.33-39, Mt 9.14-17 e Mc 2.18-22, especialmente a observação lá sobre o vinho novo indo para odres novos.

Culturalmente, o que provoca esse milagre é que os anfitriões da festa de casamento, uma celebração que geralmente durava até uma semana, tinham ficado sem vinho. Em uma cultura que honrava a hospitalidade, isso seria visto como um desastre social. Maria tenta fazer Jesus ajudar. Não fica claro se ela espera um milagre, porque Jesus não havia ainda entrado em um ministério extensivo, e João chama esse de o primeiro sinal de Jesus. Entretanto, o pedido dela mostra que ela esperava que Jesus tivesse condições de ajudar na situação. Talvez ela tivesse aprendido pela experiência que chamar a atenção dele para uma necessidade era uma maneira segura de conseguir alguma providência.

A réplica de Jesus traz à tona um tema importante. Após uma abrupta – mas não indelicada – repreensão à sua mãe, Jesus observa que sua hora ainda não havia chegado. A hora é um tema essencial que aponta para o tempo exato de sua morte (cf. 7.30; 8.20; 12.23,27; 13.1; 17.1). Talvez Maria não tivesse ainda compreendido que, desde que seu filho tinha saído de casa (alguns meses antes), algo tinha acontecido que tornava diferente seu relacionamento anterior. Ele tinha sido ungido com o Espírito e recebido poder para executar a tarefa especial que o Pai lhe tinha conferido.

Agora que ele iniciaria seu ministério público, depois dos longos “anos de silêncio” em Nazaré, tudo, incluindo seus laços familiares, tinha de ser subordinado a isto. Pelo menos, isso está por trás da resposta surpreendente que Jesus lhe deu: “mulher, que tenho eu contigo?”. (A nossa palavra *mulher*, usada nesse contexto, traz consigo um sabor de desrespeito que não estava presente no original; Jesus usou a mesma palavra quando dirigiu-se a ela quando estava na cruz [19.26], e na verdade o termo continha muita cortesia, podendo talvez ser traduzido melhor como “minha senhora”. E a pergunta *que tenho eu contigo?* seria bem traduzida pela afirmativa “*não é preciso que a senhora me diga o que devo fazer*”).

Em outras palavras, não era o tempo certo para ele se mostrar, nem sua mãe poderia ter uma função no estabelecimento do tempo de seu revelar-se. Entretanto, Maria sentiu que ele ajudaria e disse aos servos para obedecê-lo. Ela sabia, apesar da resposta vaga de seu filho, que a situação seria de algum modo resolvida depois de confiada a ele. Ela não sabia o que ele faria, mas sabia que seria a coisa certa. Esta é a razão da sua instrução aos serventes, dada em um tom que indica que ela tinha algum tipo de responsabilidade/participação na festa.

O simbolismo dos ritos judaicos de purificação é destacado quando são mencionados seis potes de pedra, que guardavam água para a purificação que protegia da impureza (Lv 11.29-38). Uma medida equivale a cerca de trinta litros, então duas ou três medidas dão sessenta a noventa litros por pote, cerca de trezentos e sessenta e quinhentos e cinquenta litros no total. Era um grande casamento.

Normalmente se descreve o que aconteceu em seguida de duas formas diferentes. Sob um ponto de vista, Jesus pede que os potes sejam cheios de água, que ele transforma diretamente em vinho, uma vasta quantidade, salientando a riqueza de provisão na celebração messiânica.

De acordo com o segundo ponto de vista, após os potes estarem cheios de água, Jesus pede aos servos para tirarem água de outro poço, a fonte normal de água, pois no texto diz que ela foi “tirada”, termo normalmente usado para água tirada de um poço; seria então esse volume separado de água do poço, não a que estava no pote, que teria sido transformada em vinho. Nesse caso, o simbolismo salientado seria que o ato de encher os jarros até à borda indicava que o tempo determinado para as observâncias cerimoniais da lei judaica tinha chegado ao fim; essas observâncias tinham cumprido seu propósito de modo tão completo que nada mais restava da antiga ordem por ser feito. Portanto, chegara a hora de ser inaugurada a nova ordem. O vinho simboliza a nova ordem, assim como a água nos jarros simboliza a antiga.

O relato é tão conciso que é difícil ter certeza qual dos dois cenários é o correto, embora o primeiro ponto de vista seja a visão mais simples. Independentemente de a qual cenário essa água se aplique, entretanto, ela é levada

ao encarregado da festa, que atuava como uma espécie de mestre de cerimônias. Quando a água chega a ele já fora transformada em vinho.

O sinal é somente parcialmente público, porque somente os servos, Maria e os discípulos ficaram sabendo no momento como isso aconteceu e quem realizara esse feito. A obra trouxe crédito para o noivo, embora ele não tivesse nada que ver com isso. O encarregado diz ao noivo: “todos servem primeiro o melhor vinho e, depois que os convidados já beberam bastante, o vinho inferior é servido; mas você guardou o melhor até agora”. Jesus revertera a potencial situação de vergonha para o noivo e trouxera para ele honra no processo. Isso também retrata como a libertação divina por meio da obra de Jesus acontece: os beneficiários nada fazem para adquirir o benefício.

O resultado é o primeiro dos sinais de Jesus. A expressão “primeiro sinal” poderia significar um sinal primário, já que o simbolismo aqui é fundacional. Em outras palavras, trata-se mais do que uma mera numeração da ordem dos sinais. Também é dito no texto que Jesus manifestou sua glória, uma referência a seu poder até sobre a criação. É relatado que os discípulos creram nele. A jornada do crescimento e aprofundamento de sua fé e entendimento de Jesus tomou mais um passo aqui. É o primeiro de muitos passos na fé dos discípulos.

Diferentemente dos outros seis sinais relatados no evangelho de João, nenhum discurso acompanha esse evento aqui. Em certo sentido, talvez, o elemento explicativo que substitui o discurso é a cena seguinte da purificação do templo, que alude ao grande sinal que Deus realizará por Jesus e para o qual todos os sinais de Jesus apontam, incluindo esse primeiro em Caná.

Aplicação / perguntas para discussão:

- ✓ Vemos nessa passagem o quanto é digno de honra o matrimônio, aos olhos de Cristo. Estar presente em um casamento foi basicamente o primeiro ato público no ministério do nosso Senhor. O matrimônio foi ordenado por Deus, e é uma instituição que nunca deve ser tratada com leviandade ou vista com desrespeito. Tradicionalmente, o culto de casamento celebrado nas igrejas protestantes refere-se apropriadamente ao matrimônio como “uma condição de honra, instituído por Deus na época da inocência do homem, simbolizando para nós a união mística entre Cristo e sua igreja”. Onde o laço matrimonial é pouco valorizado, a condição moral da sociedade nunca é saudável e a vida espiritual verdadeira jamais floresce. Os que menosprezam o casamento não têm a mente de Cristo. Aquele que, com o seu primeiro milagre, em Caná,

embelezou o ato matrimonial e com sua presença o adornou continua o mesmo hoje. “Digno de honra entre todos seja o matrimônio” (Hb 13.4).

- ✓ Aprendemos, ainda, nesses versículos, que há ocasiões em que a alegria e o regozijo são legitimamente apropriados. O Senhor Jesus sancionou com a sua presença a legitimidade de uma festa de casamento; ele não recusou o convite para ir à festa. Eclesiastes 10.19 diz: “o festim faz-se para rir, o vinho alegra a vida”. O texto de João nos mostra que Jesus deu aprovação a este tipo de festa. O verdadeiro cristianismo nunca pretendeu tornar o homem um ser melancólico. Ao contrário, seu objetivo sempre foi o de promover gozo genuíno e felicidade entre os homens. É inquestionável que o servo de Cristo nada tem a ver com shows, boates e outras diversões semelhantes, que se destinam à frivolidade, ao desregramento e a uma vida de pecado. Por outro lado, o servo de Cristo não tem o direito de entregar à satanás e ao mundo as recreações inofensivas e atividades que promovem a reunião da família. O crente que se retrai completamente e vive sobre a terra com um rosto triste, como se estivesse sempre diante de um funeral, causa realmente um prejuízo ao evangelho. Ter um espírito jovial e bondoso é recomendável para o crente.
- ✓ Claro, sem dúvida essa questão tratada no item anterior é delicada. Muitas vezes é difícil ser ao mesmo tempo alegre e prudente; um espírito jovial cai facilmente em frivolidades; aceitar muitos convites para festas conduz ao desperdício de tempo e empobrece a alma; comer e beber com frequência em companhia de incrédulos enfraquece e se tornar um grande prejuízo à vida espiritual. Nessa área, assim como em todas as outras, o crente precisa estar alerta. Cada cristão deve conhecer suas próprias limitações e seu temperamento natural e agir de modo apropriado. Feliz o que pode usar sua liberdade cristã sem abusá-la! Quanto a este assunto pode ser estabelecido uma regra áurea: cuidemos em frequentar as festas sempre no mesmo espírito do nosso Mestre, e jamais estejamos em lugares que Ele não aceitaria estar; assim como Cristo, procuremos estar sempre tratando dos negócios do nosso Pai (Lc 2.49); assim como Ele, de boa vontade promovamos a alegria e o regozijo. Mas esforcemo-nos para que seja uma alegria isenta de pecado e, melhor ainda, que constitua a alegria do Senhor. Empenhemo-nos em ser como o sal da graça para as nossas amizades e dar uma palavra apropriada a cada pessoa com quem falamos.
- ✓ Nesse relato aprendemos também sobre o infinito poder do nosso Senhor Jesus. Perceba a maneira como o milagre ocorreu. Não somos informados de qualquer ação exterior que tenha precedido ou acompanhado a realização do milagre. Não é dito que Cristo tocou os jarros ou o poço com a água que seria

transformada em vinho. Não lemos que tenha ordenado à água para que mudasse suas propriedades ou que tenha orado ao Pai celestial. Ele simplesmente desejou que houvesse a mudança, e ela ocorreu. Em nenhuma parte da Bíblia lemos sobre qualquer profeta ou apóstolo que tenha operado um milagre seguindo esse mesmo padrão. É maravilhoso pensar que o mesmo infinito poder de vontade demonstrado ali por nosso Senhor ainda é exercido em favor daqueles que creem nEle. Felizes os que, assim como os discípulos, creem nAquele que realizou esse milagre! Um dia haverá uma festa muito maior do que a de Caná, quando o próprio Cristo será o noivo e os crentes, a noiva. Uma glória muito maior e mais intensa do que a manifestada em Caná se manifestará, quando Jesus reinar com seu grande poder. “Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro” (Ap 19.9).

ⁱ Esta lição é baseada nos livros: **João: introdução e comentário**, de F. F. Bruce (Ed. Vida Nova); **Meditações no evangelho de João**, de J. C. Ryle (Editora Fiel); e **Jesus segundo as Escrituras**, de Darrell L. Bock (Shedd Publicações).